



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

OTÁVIO PRIORI

(depoimento)

2004

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-78

Entrevistado: Otávio Priori

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: ESEF/UFRGS

Entrevistadores: Luanda Dutra

Data da entrevista: 27/09/2004

Transcrição: Vicente Cabrera Calheiros

Conferência Fidelidade: Vicente Cabrera Calheiros

Copidesque: Marco de Carvalho

Pesquisa: Marco de Carvalho

Fitas: (01 fita) 78/01-A e 78/01-B

Total de gravação: 45 minutos

Páginas Digitadas: 23

Catálogo: Vera Maria Sperangio Rangel

Número de registro: 01957/2008/01

Número de registro da fita: 01957/2008/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

PRIORI, Otávio. *Otávio Priori (depoimento, 2004)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2008.

Sumário

Início com o remo; envolvimento com clubes; participação em regatas, competições; treinamentos; nomes do remo; incentivo da família; dificuldades; apoio do público; envolvimento com a guarnição “Júpiter” do GPA; trabalhos com a engenharia; afastamento e retorno ao remo; incentivo do governo militar; perfil dos remadores; participação feminina; visibilidade da mídia; fatos pitorescos; declínio do remo; fim da carreira.

Porto Alegre, dia 27 de setembro de 2004. Entrevista com Otávio Priori, a cargo da entrevistadora Luanda Dutra, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.D. - Senhor Otávio, eu gostaria de saber como o senhor teve essa relação com o remo, o primeiro contato que o senhor teve com o remo?

O.P. - Bom, o esporte do meu sonho, quando eu era guri, com uns 12 anos de idade, era o futebol. Eu treinava em casa, mas sempre fui muito ruim de bola, não tinha domínio da bola. E uma vez, eu fui... Eu era dono das camisetas, da bola e de tudo. Nós fomos disputar um torneio e eles deixaram, depois da partida decidida a nosso favor, estava 6 a 1, eles deixaram eu jogar quinze minutos no final do jogo, para me dar uma colher de chá, que eu era dono da camiseta. E isso foi no campo do Tupinambá¹ ali na Vila do IAPI².

L.D. - Ainda tem esse campo?

O.P. - Não tem esse campo, porque é na frente de onde é o postão do INSS³ ali. Eu acho que constituíram o postão em cima do campo. Era um campo que tinha cacuruto, então a bola veio pelo ar e ela quicou, quando a bola subiu, eu dei o chute por baixo da bola, errei. Daí a bola estava em baixo, eu deu o chute por cima, errei cinco vezes. O pessoal que estava ao redor do campo chegava a rolar de rir. E eu de vergonha, tirei a camiseta na mesma hora e disse que nunca mais ia jogar futebol na minha vida. E aí eu comecei a procurar outro esporte. Eu tinha uns treze, quatorze anos, quatorze anos. Eu comecei a procurar um esporte. Aí uma vez eu tive oportunidade, tinha um amigo meu o Rogério⁴, que era irmão do Hélio Ribeiro⁵, que já é falecido, participava também do Júpiter⁶ lá, foi

¹ Nome sujeito a confirmação

² Conglomerado de prédios e casas de arquitetura peculiar e semelhante a um grande loteamento. Seu nome tem origem no Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (IAPI), que financiou projetos de habitação popular em grandes cidades do Brasil.

³ Instituto Nacional de Segurança Social

⁴ Nome sujeito a confirmação

⁵ Nome sujeito a confirmação

⁶ Guarnição do GPA, que já foi considerada a mais antiga equipagem do mundo, pela idade dos seus integrantes, iniciou oficialmente as suas atividades em barco de seis remadores, em 10 de maio de 1936, dois anos antes do início da IIª Grande Guerra Mundial.

presidente do GPA⁷. O Hélio remava. Há muito tempo fazia que ele estava, daí ele disse: “Bah, tu não quer ir lá remar? Vamos lá no GPA!”. Eu fui, mas aí eu era pequenininho, o biotipo do remo tem que ser alto e magrão, eu era baixinho e barrigudo e perna fina, recebi o apelido de Bolinha até por causa disso.

L.D. - Ah, eles me falavam, o senhor Willy⁸ me falou.

O.P. - É, o meu apelido no remo é Bolinha. E, como eu não tinha um biotipo para remador, eles não deixavam nunca eu sair no barco, saía todo mundo, às vezes me davam oportunidade de eu sair de timoneiro, mas eu queria remar para melhorar o físico e tudo. Então, naquele tempo na rampa do GPA, tinha uma caixa ali para gente aprender a remar. Hoje tem um tanque lá. Eu ficava ali, fiquei meses naquela caixa. E uma vez, tinha uma guarnição lá, que era favorita de estreates e eu ficava ali de tarde e de noite naquela caixa direto. Já estava especializado em caixa lá, mas nunca me davam oportunidade de sair no barco, o meu sonho era sair no barco, remando. E daí tinha o Dorival⁹, que era o treinador da guarnição, deu problema na véspera da regata. Sabe que o pessoal ficava muito nervoso e aumenta, como é que é o nome, aumenta o stress, mas tem lá um, a adrenalina e uma série de coisas. E é normal dar dor de barriga, dar desinteria, na véspera da regata. E um daqueles remadores, deu uma dar de barriga nele desgraçada e ele não pode correr aquela guarnição boa. Daí o treinador via o meu esforço ali. Ele disse assim: “Bolinha, tu não te arriscaria? A guarnição é boa, é só marcar a remada, que os caras eram gigantes, tu ia na proa, que nós temos que correr a regata amanhã e o fulano é a tua chance, não tem outra”. “E vamos embora!”. Aquele dia de noite ele botou... Nós fomos até a ponte e voltamos, dei umas afogadas no remo e fomos correr a regata e ganhamos a regata.

L.D. - Que regata, que ano era isso?

⁷ Club de Regatas Guaíba-Porto Alegre - Em 28 de novembro de 1936, o Club de Regatas Porto Alegre (antigo Ruder-Club Porto Alegre) fundiu-se com o Club de Regatas Guahyba (antigo Ruder-Verein Germania), resultando o Club de Regatas Guaíba-Porto Alegre, o GPA. Manteve-se como data de fundação a do Ruder-Club Porto Alegre (21 de novembro de 1888) razão pela qual o GPA é considerado o clube de remo mais antigo do Brasil.

⁸ Heino Willy Kude

⁹ Dorival Lopes Machado

O.P. - Ah, estou com 57 anos, eu tinha quatorze anos. Tu imagina quantos anos faz isso aí. Faz uns 43 anos, não tenho nem idéia, acho que foi em sessenta e poucos. E aí, eu comecei a remar nessa guarnição, o outro voltou e eu entrei noutra guarnição de estreantes. Aí foi indo e me deram a oportunidade. Até que uma vez – eu era muito esforçado, eu gostava muito do esporte e treinava – uma vez, o treinador de uma dessas guarnições – como eu não saía do clube, eu trabalhava com meu pai, eu era guri ainda, nós trabalhávamos numa fábrica de balas – aí precisava de alguém para correr uma prova de ‘canoe’. ‘Canoe’ é um barco de um só com dois remos, sabe?

L.D. - É o primeiro, não é o primeiro barco que se usa para remar?

O.P. - É o primeiro que aprende, agora. Antes não. Antes era o ‘gig duro’, não tinha nem carrinho, no meu tempo. A gente remava num banco duro e ainda botava no dia da prova, talco ali para fazer a função de carrinho com a bunda. Ficava... Nós tínhamos calo na bunda, que nós fazíamos quilômetros e quilômetros e ia até Capitão Roberto¹⁰, voltava, dá o que? Isso aí dá uns dezoito quilômetros, no duro, sem carrinho. Que o carrinho facilita a remada, a remada rende mais. E aí, o Stuckmann¹¹, que era um alemão, meu treinador, e ele sabia do meu esforço e tudo na guarnição. Ele me deu: “Bolinha, tu não te arriscava a correr um ‘canoe’ aí?”. Bah, ele me botou num barco sozinho, eu fiquei louco. Eu treinava três vezes por dia. Me sumia com o barco e voltava. Aí fui para prova e tinha um cara que tinha ganhado aí um sul-americano, tinha ganhado, que era o Ernesto Neugbauer¹², que é da família Neugbauer, um alemão alto, tinha quase dois metros de altura. Tudo que era prova ele ganhava e o alemão foi correr o ‘canoe’, eu corri também e ganhei do alemão. Bah, aí me endeusaram! Porque eu vivia em cima do barco e ele subestimou, ele nem treinou direito e tudo...

L.D. - Ganhou a confiança de todos os companheiros do clube!

O.P. - Ganhei. Aí o clube depositou, “é a revelação do GPA, é a revelação!”. Aí me botaram... Uma semana depois, me botaram no “skiff”, no “single skiff”, que é o mesmo que o ‘canoe’, só mais estreitinho, é um barco olímpico. Até hoje na Olimpíada, esse aí o

¹⁰ Nome sujeito a confirmação

¹¹ Hans Stuckmann

Anderson Nocetti, o Macarrão, correu o ‘skiff’. E tinha, uma semana depois dessa prova, tinha eliminatórias para o brasileiro. Aí o Stuckmann disse para mim: “Bolinha tu vai pro ‘skiff’, vai disputar a eliminatória”. Agora os clubes vão disputar o brasileiro no Rio¹³, antes era por estado, então escolhia a equipe que ia representar o Rio Grande do Sul. Aí eu fui no ‘skiff’ e ganhei as eliminatórias. Tinha a segunda eliminatória, ganhei do Grazzi¹⁴, que é um baita de um singlista do Barroso¹⁵ tudo. Foi a outra e ganhei também. Fui representar o Rio Grande do Sul.

L.D. - O Rio Grande do Sul.

O.P. - Mas aí os jornais lá do Rio de Janeiro tudo, anunciaram que eu era a revelação dos gaúchos, não sei o que, e o Edgard Gilse¹⁶, que era penta-campeão sul-americano e campeão pan-americano, tudo, o Belga, naquela época. O cara era um baita de um singlista e eles ficaram com medo de mim e eu era um guri, um bostinha lá e aí eles começaram a fazer guerra de nervos...

L.D. - Contigo para tu ficar...

O.P. - Comigo! Eu fui lá na sede do Flamengo e os caras disseram: “Ó, se tu ganhar essa regata nós vamos te matar, tu não volta vivo pro Rio Grande do Sul”, não sei o que. Só para mim ficar sabe, isso tem no esporte hoje. Tu só imagina esses esportes que passa... Esse que tem dinheiro no meio. Se era um esporte amador eu vi e tu sabe que quebraram o casco do meu barco, na véspera da regata, que eu guardava no Vasco da Gama, quebraram. Na hora da largada, o Stuckmann tirou a toalha e eu tirando água do barco, eu quase afundei, a parte ali do... Que a gente fica, ali... Que é toda cheia de... Assim mesmo eu tirei terceiro lugar, eu perdi para o Belga e perdi para um catarinense, o Liquinho¹⁷.

L.D. - Liquinho?

¹² Ernesto Neugebauer Endter

¹³ Rio de Janeiro, Estado Brasileiro

¹⁴ Nome sujeito a confirmação

¹⁵ Clube de Regatas Almirante Barroso. Fundado em 26 de fevereiro de 1905 a partir de uma dissidência de associados do Ruder-Club Germania que foi fundado em 29 de outubro de 1892

¹⁶ Nome sujeito a confirmação

¹⁷ Carlos Alberto de Mello Dutra

O.P. - É, um cara de Santa Catarina¹⁸. Mas aí voltei para o Rio Grande do Sul, ganhei algumas regatas. Daí o União¹⁹ botou um cara. O cara ganhava de mim e eu só dava segundo lugar. Daí apareceu um Roque Salles²⁰ do Barroso, começou a ganhar de mim e eu só terceiro lugar e comecei a afundar, comecei a ir para trás. Eu acho que, a gente diz no esporte, eu acho que eu virei o fio de tanto que eu remava sabe. Aí eu dei o máximo de mim. Entrei num esgotamento e troço, que aí eu não rendia mais nada, eu...

L.D. - Nessa época que tu esteve no Rio de Janeiro, como é que tu disse, destaque do Rio Grande do Sul, tu não recebeu oferta para ficar lá?

O.P. - Não. Não recebi porque eu não ganhei a Regata, eu perdi e depois eu voltei para cá e comecei a andar pra trás. Foi só aquele momentinho pequeno de glória. Depois eu comecei a me afundar.

L.D. - Sessenta e poucos...

O.P. - E eu não tinha biotipo para remador mesmo. Eu fui um fenômeno, mas por um tempo curto. Eu dei tudo o que eu podia de mim ali, acho que me rebentei, sei lá.

L.D. - E o teu pai, o que achava disso? Teu pai incentivou tu entrar no esporte?

O.P. - Ah, o meu pai, eu virei ídolo dele. Nós sempre fomos de família humilde. Meu pai... Meu avô tinha uma fábrica de bala grande, que era a Piori, que quebrou. Ele faleceu, ficou impossível a coisa. Aí nós botamos uma fabriqueta, só o que sabia fazer. Meu pai, aquele de origem italiana, só sabia fazer bala, a vida toda trabalhando nisso. Botamos uma fabriquinha nos fundos do quintal lá da casa. Nós fazíamos essa bala gasosa, que não é do teu tempo, tu é guria nova.

L.D. - Bala gasosa?

¹⁸ Estado Brasileiro

¹⁹ Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

²⁰ Nome sujeito a confirmação

O.P. - É, uma que fermentava na boca assim. Era famosa aqui a bala gasosa, até saiu na Zero Hora²¹ um... Eu tenho lá um recorte, nesse caderno Gastronomia, eles entrevistando um irmão meu, que ele trabalha lá. Ele explora o café do Teatro São Pedro. E o café do Mário Quintana, ali o Catavento.

L.D. - Ah, é ele que...

O.P. - É ele. E aí saiu essa reportagem aí. Mas então eu era um [palavra inaudível] até meus irmãos se queixavam que meu pai sempre ficava me...

L.D. - Protegendo?

O.P. - É, me protegendo. Eles trabalhavam feito louco e às vezes eu fugia, deixava meus irmãos trabalhando e ia remar.

L.D. - Mas ele te incentivava então?

O.P. - Estudava de noite e não deixava de trabalhar, mas eu dava uma fugida no meio dia e treinava, depois eu estudava no Colégio Dom João Becker e ia para lá e ia de bonde. No tempo do bonde, pegava o bonde, depois pegava o bonde São Pedro, que era aquele bonde São João, bonde gaiola e eu descia lá na Voluntários²² e ia a pé, de noite, era quase meia-noite. Atravessava ali a ponte do Guaíba, eles estavam construindo. Então ali eram malocas, ali embaixo da ponte era a Vila Trevo e depois mais adiante era a Vila São Jorge. Nós, os remadores, entrávamos por dentro da vila ali, aquilo lá tinha cruz, matavam gente toda hora lá e de madrugada então, e o povo todo conhecia a gente e gostava, o pessoal que morava ali na vila. Eles davam força para nós, nos conheciam.

L.D. - O bonde largava vocês perto do clube?

O.P. - Não!

²¹ Jornal de grande circulação em Porto Alegre.

²² Rua do centro de Porto Alegre

L.D. - Longe!

O.P. - Não, largava na São Pedro²³ ali. Na São Pedro com a avenida Presidente Roosevelt²⁴. Largava nós ali, então tinha que ir a pé tudo até lá, a Ponte do Guaíba, para lá da Ponte do Guaíba a pé. E, às vezes, quando tinha dinheiro ou quando estava disponível, a gente pegava o bonde Navegantes, o bonde, o ônibus Navegantes, linha 1. Me lembro até hoje, aí ele largava na frente da Vila São Jorge, era outra vila, a Vila São Jorge.

L.D. - Ai, meu Deus!

O.P. - Quantas vezes tinha tiroteio nós no meio daquele troço e correndo gente e nós atravessando...

L.D. - No meio...

O.P. - Mas o que a gente mais tinha medo e passava trabalho atravessar de madrugada ou assim à meia-noite, quinze para meia-noite, a hora que nós passávamos ali. O que a gente mais tinha medo eram os cachorros, os cachorros que não reconheciam a gente. Sabe que vila tem uma cachorrada desgraçada e de noite eles saem atrás da gente, era quase toda noite nós correndo dos cachorros lá. Mas, às vezes ia sozinho, às vezes nós íamos numa turma.

L.D. - Tu só participou do remo quando ele já estava ali no Parque Náutico, lá no Navegantes então?

O.P. – É, só.

L.D. - E tinha bastante gente que assistia essas regatas de vocês?

O.P. - Tinha mais que hoje, mas não era muita gente não.

²³ Rua de Porto Alegre

²⁴ Avenida de Porto Alegre

L.D. - Não era muita gente?

O.P. - Eu me lembro, uma regata nobre, que eu me lembro que eu participei, foi uma prova de “gig”, eu acho até de estreante, que veio na regata. Não me lembro mais em homenagem a que era. Era uma coisa... Regata do governo, aí Regata Império parece, o nome da regata era Regata Império e coisa Dom Pedro de Orleans e Bragança, o velhinho aquele, o avô desse guri que está se destacando aí. Ele veio na regata, ele era o neto do Dom Pedro I, Dom Pedro II, Dom Pedro II. Ele participou, e o João Havelange²⁵, o João Havelange estava aí também, os dois.

L.D. - Aí movimentou um monte de gente?

O.P. - E nós ganhamos, foi eles que entregaram as medalhas para nós. Uma coisa que me marcou muito assim em termos de história. Quer dizer, o Dom Pedro entregou a medalha para nós.

L.D. - E quando é que o senhor ingressou no Júpiter, junto com o pessoal lá do GPA?

O.P. - No Júpiter, eu ingressei, não me lembro mais quantos anos. Tu tem aí a data? É desde 38 (1938).

L.D. - 36 (1936), eu acho.

O.P. - 36 (1936) ou 38 (1938). Então, tem mais de sessenta anos o Júpiter. No tempo que eu remava “skiff” e tudo, e depois até não estava treinando muito forte, o pessoal do Júpiter, quando faltava uma pessoa, às vezes dava zebra, era muito difícil de faltar uma pessoa e eles pediam para outro remador suprir aquela falta momentânea ali e tudo. E eu como me considerava remador de elite, eu me negava a remar porque eu procurava fazer meu treino sozinho, preferia remar “skiff”, até por que eu nunca fui de remo de ponta. Remo de ponta o cara tem que ser mais alto para fazer a remada maior, senão fica muito curta em relação a dos outros. Eu como sou mais baixo que eles... Então no “skiff” não tem esse problema. Eu faço mais curta, mas dou mais remadas e mais pressão, rende mais.

Agora, já em conjunto, tenho defeitos, eu tenho muitos defeitos na remada de ponta e para mim, eu entendo que é um esporte incompleto, porque força mais de um lado [toca telefone]. Então eu me negava e tinha o Canoa, ele era, não sei se tu viu, Klein²⁶, Oswaldo Klein, Klein, parece Oswaldo que...

L.D. - Oswaldo Klein?

O.P. - É Oswaldo. O apelido... Todo mundo conhecia ele por Canoa, que era um cara igual a mim ranzinza, chato, eu sou famoso por ser reclamão.

L.D. - Tu é ranzinza? Não parece!

O.P. - Ah, depois eu vou te contar essa parte, depois que eu terminar essa aqui. Aí morreu o doutor Mário Riggatto, que era nosso ídolo, ele foi da UFRGS²⁷, foi vice-reitor e tudo. Morreu o doutor Mário Riggatto e nós fomos... Ele era nosso ídolo, foi presidente do clube e ia lá no café, ele também pertencia aos seis. E aí morreu o doutor Mário Riggatto, nós acompanhamos a doença dele e tudo. Nós fomos no enterro dele, que foi lá na reitoria. Estava a doutora Wrana²⁸ também e o Canoa estava lá. Aí chegou o Germano²⁹, que é do seis também, o alemão. O Germano, chegou e disse pro Canoa assim: “Canoa, o Bolinha, nós estamos botando o Bolinha no seis”. Isso aí foi quando morreu o doutor Mário Riggatto, tem uns seis anos. Mas eu já estava no seis. E aí o Germano disse: “O que tu acha do Bolinha no seis?”. Aí o Canoa parou, pensou, pensou, faz anos que ele não participa assim e ele estava até meio esclerosado, já estava velho, tava de bengala, estava muito tempo afastado, ele disse assim: “Tenho minhas restrições.” Daí perguntaram: “Por que tu tem restrições, Canoa?”. “Eu tenho restrição, porque uma vez nós convidamos ele para remar e me arrependi. Ele me encheu o saco, não quis vir, até que nós forçamos e ele foi”. E é verdade, eu fui. E no meio do trajeto quebrou o meu carrinho, o eixo do carrinho e eu não pude remar. E o Canoa entende que eu quebrei de propósito para não remar, porque eles me forçaram a ir. Aí ele se lembrou desse fato, eu nem me lembrava mais e ele,

²⁵ Jean-Marie Faustin Goedefroid de Havelange

²⁶ Oswaldo Otto Klein

²⁷ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

²⁸ Wrana Maria Panizzi

²⁹ Germano Wetter

naquele momento, se lembrou desse fato. Bom, mas eu entrei no seis, na minha volta ao GPA, porque eu me formei em engenharia. Depois deu um monte de problema na minha vida, consegui dar a volta por cima e me formei em engenharia e me especializei em engenharia de campo. Então comecei aqui Pólo Petroquímico³⁰, na montagem da COPESUL³¹, depois acompanhei a empreiteira por tudo que é estado aí no Brasil. E nesse meu serviço de trecho, que a gente chama de campo, eu me afastei do Rio Grande do Sul por uns dez anos. Estive até em obra na selva Amazônica lá e aí voltei pro Rio Grande do Sul, porque começou a dar problema de... Esses problemas de... Econômicos no país e começou a diminuir as obras e no fim eu estava ganhando nas obras o que a gente ganha numa empresa fixa, parado. Começou a me bater saudosismo, a família já não me acompanhava mais, porque os filhos... A obra terminava na metade do período escolar... Uma série de dificuldades. Nos últimos anos, eu estava indo sozinho e vinha só esporadicamente em casa. Estava muito ruim. Então eu voltei para o Rio Grande do Sul, voltei para o remo. Eu fui fazer um curso, até foi no Hospital de Clínicas³², um curso da UFRGS, de pós-graduação, especialização em engenharia biomédica e tinha um ex-remador, nós se apresentamos lá, cada um se apresentava no primeiro dia do curso. Daí diziam assim ó: “Cada um diz qual é as suas características, que um vai ter que dizer quem é o outro”. Sabe aqueles troços? Aí eu disse, escrevi no papel: “tenho bigode ruivo”, não sei o que lá. Nem sabia que eu não tinha ruivo, mas quando eu era mais novo, meu bigode era ruivo e um lá diz: “Eu tenho as características de um remador, eu tenho corpo de remador” e não sei o que lá e tal e tal... Que era o Alexandre³³. Não tinha nada e aí o Alexandre disse assim: “Tem um negócio que eu estava meio constrangido em voltar pro GPA”, porque o Moacir³⁴ é o treinador, o Moacir. Tu conhece o Moacir?

L.D. - O Moacir? Sim.

³⁰ Empreendimento econômico e tecnológico de destaque no Rio Grande do Sul. É responsável por cerca de 3,5% da riqueza do Estado. Localizado no município de Triunfo, a cerca de 52 Km da capital, Porto Alegre.

³¹ Cia Petroquímica do Sul

³² Hospital de Clínicas de Porto Alegre, criado em de 2 de setembro de 1970. Integrante da rede de hospitais universitários do Ministério da Educação e vinculado academicamente à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

³³ Alexandre Herzog

³⁴ Moacir Almada Moreira

O.P. - E o Moacir é meu irmão! Nós nos damos bem para caramba, é gente finíssima. E naquela época, morava na Vila São Jorge, a Jane³⁵, que é a esposa do Moacir hoje. E eu namorei ela no início...

L.D. - Ai, que confusão! [riso]

O.P. - Confusão. E depois... Ela é jornalista da UFRGS... [o entrevistado conversa com uma terceira pessoa] Bom, mas aí eu estava meio constrangido nisso, um dia ter que me pexar lá com o Moacir e com a Jane, pessoa que eu respeito muito, mas sempre foi tudo muito... Inclusive eu que falei, o Moacir achava ela era muito bonita e, não sei, não dava certo e eu disse assim: “Moacir eu não vou continuar mais e tal e tal”. E aí o Moacir já estava dando uma ciscada mesmo, que eu estava sempre de olho nela. E ela talvez de olho nele. E eles se acertaram, se casaram, tem filhos, duas belas pessoas. Mas eu pensava que isso ia... Que eu ia constranger eles ou eles me constranger. Então falei para o Alexandre, o Alexandre disse assim: “Que porra nenhuma! Nem o Moacir, nem ela ligam para isso. São gente finíssima, não liga, volta aí”. E foi mesmo, voltei. Bah, nós brincamos tudo, até o Márcio³⁶, que se formou na UFRGS em Educação Física, o filho dele. Uma vez eu tomei uma cerveja, contei toda a história minha e da mãe dele e do Moacir e tudo. Isso aí nunca foi problema nenhum, eu voltei e aí eu era veterano, mas estava disputando “skiff” e tudo. Aí o Moacir disse: “Não, tu vai correr ‘skiff’ veterano e tal e tal...”. E comecei a ganhar uns páreos no “skiff” e tudo. Comecei a me empolgar, ganhei Campeonato Brasileiro, eu e o Elimar³⁷ na “doublé skiff”, o brasileiro de master na “doublé skiff” e, no próximo Campeonato Brasileiro, porque a gente depois de certa idade tem que apresentar atestado médico, de preferência ergometria. Eu fui fazer uma ergometria aqui, uma cintilografia e deu problema de esquemia no meu coração, ou seja, eu tive um infarto, tinha uma parte e não sabia que tive um infarto. E os exames tudo... Eu fui fazer cateterismo e os cardiologistas me aconselharam a continuar remando, mas devagar, sem fazer muita força, tem que largar a competição. E aí que eu entrei no seis, eu já quebrava o galho do seis, entendeu? Por não competir mais e no seis tu sabe, a pessoa de idade a gente... Ali é mais o trajeto, não tem nada entre uma bóia e a outra, a gente conta o número de remadas, mais,

³⁵ Nome sujeito a confirmação

³⁶ Nome sujeito a confirmação

³⁷ Elimar Francisco Berwanger

faz um pouquinho mais de força, mas não é uma competição que a gente dá tudo de sei lá, que vai os batimentos vai ao máximo, a gente às vezes passa do limite.

L.D. - O senhor competiu então numa época que era o governo militar, na ditadura militar. Chegou a participar do remo. Tu achas que o governo incentivava, tu via alguns militares, alguém do exército participar da regatas ou milico mesmo?

O.P. - Incentivava. E eu inclusive servi na aeronáutica e peguei... Tinha uns cabos e sargentos da aeronáutica que remavam no GPA naquela época e, quando eu estava na fila, como eu tinha um certo destaque, no remo, então eles inclusive, apesar do meu tamanho, da minha altura, eles me puxaram para o batalhão de elite da aeronáutica. Então eu fui para polícia da aeronáutica, fiquei na [palavra inaudível] Eu servi na [palavra inaudível] por causa disso, por causa do remo, mas eles incentivavam muito, incentivavam, tinha muitas coisas que os militares faziam errado. Mas duas coisas que eu falo - eu não sou a favor de ditadura, de militarismo nem nada - mas tem duas coisas que não dá para se queixar que eu acompanhei toda essa parte, eles nunca prejudicaram essa parte do esporte, até incentivavam e trabalhador mesmo. Quem quisesse trabalhar, eles não perseguiam. Trabalhador mesmo que queria, agora quem se agitava ou demonstrasse ser comunista ou agitador. Por exemplo, o que eu faço hoje estava morto na... O que eu faço hoje aqui se fosse os milicos, eles me matavam, que eu sou um tipo de... Eu estou com o povão e agito aqui.

L.D. - Quem é que remava na tua época, eram pessoas ricas ou eram pessoas humildes, de classes populares ou era um misto de todo mundo?

O.P. - Eram mais pessoas de classe média-baixa, não rico. Rico mesmo ia para o tênis, para outros esportes mais de elite. O remo nunca foi um esporte de elite. Foi um esporte assim de trabalhador, de remediado. Os alemães vieram para cá, talvez naquela época que implantaram o remo fosse, que veio aquele Alberto Bins. Esse cara até foi presidente ou governador e tal, mas, depois de um certo tempo, muito antes de mim, o remo se tornou assim, por exemplo, era concentrado, bancário, funcionário da VARIG³⁸, principalmente o

³⁸ Empresa de transportes aéreos.

GPA era infestado de funcionários da VARIG. Eram uma elite de trabalhadores especializados e tudo, mas era classe média-baixa, principalmente.

L.D. - Isso na década de 60?

O.P. - Abaixo também, eu peguei ainda essa época do pessoal da VARIG. Hoje não tem mais. Por que os bancários também? Os atletas de elite, aquele tempo era... Eles trabalhavam no banco porque o banco dava mordomia para eles treinarem. Na verdade, o esporte do remo era uma esporte amador, não podia, era proibido ter profissionalismo. Hoje já tem, o Anderson Nocetti deve ganhar uns dez, quinze mil por mês.

L.D. - Esse caráter amador, o senhor acha que prejudicou o remo, na medida que agora ele não aparece tanto na mídia, nem... Prejudicou um pouco os clubes como o GPA? Porque o União ainda aparece, agora os outros...

O.P. - Aparece porque foi na Olimpíada e tudo. Eu acho que o amadorismo é bem mais salutar, tinha mais emoção. Por isso tinha mais público. Hoje não tem graça uma regata, tu vai numa regata, se o União está presente, eles ganham porque, são profissional. Eles tem uma certa mordomia, equipamentos melhor, tempo, é diferente. Por exemplo, onde entra o Cabeça e o Macarrão, Anderson Nocetti, quem é que vai se meter com esses caras aí?

L.D. - O senhor ganhava alguma coisa para remar?

O.P. - Eu gastava.

L.D. - Tu gastava?

O.P. - Eu não ganhava e naquele tempo eu tinha... Hoje ninguém faz isso, até é proibido. Nós, antes da regata, passava vaselina no barco, que ele ficava brilhoso, o casco bonito e a gente entendia até que deslizava um pouco mais, isso era puro mito, não deslizava. Então a vaselina era do bolso da gente. Tudo, a gente pagava, se precisava alguma coisa tínhamos que pagar do bolso da gente, porque não tinha nada. Agora o União me convidou para ir para lá.

L.D. - Nem incentivo... E por que o senhor não quis?

O.P. - Eu não fui porque aquele negócio, eu sou ainda daqueles gringos meio maluco e eu aprendi no GPA, com muita humildade, eu criei amor pela camiseta do clube.

L.D. - Pelos amigos, também pela convivência.

O.P. - Então eu achei que não ia me adaptar lá e eu não confiava em mim como um atleta de elite lá para o União. Eu achava que eu estava no máximo, que eles tinham mais condição, eu não tinha altura, eu não tinha...

L.D. - Eles falam com muito carinho lá no GPA do senhor. Eu conversei com o senhor Willy, e ele não falava o nome: “Ah, o senhor Otávio.” Eles falavam: “O Bolinha! Tu tem que conversar com o Bolinha”.

O.P. - Eu sei disso. Mas é assim, sempre foi uma paixão muito grande pelo clube e também uma falta de confiança no União. Eles não me queriam para ser um atleta, para ganhar regata, eles queriam era para não assim a...

L.D. - Ganhar deles?

O.P. - É, pra mim não...

L.D. - Enfraquecer o outro clube para...

O.P. - Não ser ameaça para eles, entendeu?

L.D.- Claro!

O.P. - Eles queriam para mim...

L.D. - Te escantear.

O.P. – Isso, já tinham feito com os outros. Convidavam e escanteavam o cara, deixava de lado, o cara desaparecia, se desinteressava e tal. Então é isso, eu não tinha... O meu físico, biotipo desvantajado pro remo tudo, eu não acreditava que eles quisessem para mim ser... Eles queriam me escantear.

L.D. - E o senhor lembra de alguma mulher na sua época que quis remar?

O.P. - Não! O esporte feminino, nenhuma mulher participava do remo.

L.D. - Nenhuma?

O.P. - Em todo período, nem para passear nos barcos. Hoje eu estou gostando muito, tem competição feminina, a mulher... Depois que eu saí, se destacou umas gurias até aí, campeã. O Moacir pode falar.

L.D. - É eu conversei com a Jaqueline³⁹!

O.P. - É. Essa, a Jaqueline se destacou muito no remo. Eu acho que foi uma perda de tempo. Sabe por quê? Na época antiga, mais antiga, o homem era muito machista, não sei por quê. Então, por exemplo, se tinha uma mulher, não queria se misturar com os homens, a mulher, sabe como é que é o troço. Não tinha essa. Depois que veio aquela liberdade sexual, que melhorou. A mulher começou pegar mais espaço, ali era muito fechado. Não tinha nem banheiro para mulher no clube.

L.D. - Mas o senhor como remador de competição, tinha algumas restrições. Alguns me falaram que não podia beber, não podia fumar, não podia...

O.P. - Não era proibido fumar. Mas o cara que fumava, era deixado de lado, ninguém acreditava no futuro. E eu fugia, eu dava as minhas fumadinha. Apesar de ser atleta de elite, eu pegava o cigarro e depois comecei a fumar, fumava, sempre fumei meia carteira por dia, uns cinco cigarros, eu fumava. Mas escondido, no clube eu nunca levei cigarro.

L.D. - O senhor Otávio, o senhor tem o jeito de ser meio travesso quando...

O.P. - Eu era. Eu tinha vários apelidos, por exemplo, além de Bolinha, o que pegou mesmo é Bolinha. O Moacir me chama até hoje de judeu, porque ele disse que eu tenho a cara de judeu...

[FINAL DA FITA 78/01-A]

O.P. - Nada de mais, porque, de vez em quando, eu aprontava mesmo, até hoje eu tenho fama de meio maluco. Eu quebrei diversos barcos porque, hoje eu até me arrepio, nem pensando eu faria. Sabe o que é sair sozinho, num barco, às cinco horas, quatro e meia da manhã, com uma serração desgraçada que tu não enxerga nada, tu sair sozinho num barco no rio e fazer a volta na Ilha do Pavão⁴⁰. Eu fazia isso quase todos os dias, no “skiff”.

L.D. - Que perigo!

O.P. - Uma vez, eu vinha remando, eu olhei: “O que é isso?” Dois monstros do meu lado assim, sabe o que era guria? Duas proas de barco. As gasolinas quando descem para carregar areia, elas descem sozinhas para carregar. Depois para subir, para economizar combustível, eles amarram uma na outra. E eu entrei no meio das duas subindo. A minha sorte é que o cara me viu e ele deu sinal para máquina lá e ela estava parando e eu vim, deu tempo de eu escorar os remos e dar ré e sair do meio dos dois barcos. Sabe que já morreu gente montão no rebocador.

L.D. – Morreu?

O.P. - Os filhos do [palavra inaudível] lá morreram... Eu ali nasci de novo, nem quebrou o barco dessa vez. Mas eu escorei os dois remos na proa das duas gasolinas, eu entrei no meio das duas.

³⁹ Jaqueline Xavier Pereira

⁴⁰ Ilha do Pavão - Uma das tantas ilhas que compõem o Delta do Jacuí em Porto Alegre, junto ao Rio Guaíba. Local onde localiza-se a sede campestre do Grêmio Náutico União

L.D. - O senhor se lembra de algum nome de alguma competição que tenha marcado o senhor? Essa do Império que o senhor falou, teve outra?

O.P. - Teve outra que me marcou pela tristeza, que eu não me esqueço até hoje. Que eu estava nesse meu período de campeão mesmo, de ganhar de todo mundo e eu treinei feito louco, tinha uma regata internacional aí que veio uns argentinos, veio não sei o que. E eu fui para lá e eu digo: “Eu vou fazer alguma coisa, eu tenho que ganhar essa regata ou chegar junto com os primeiros lugares aí.” Uma regata internacional e eu fui lá para raia e o juiz: “Número um, aqui Argentina. Número dois, baliza dois, é o Uruguai”. E eu era do GPA. Pelo Brasil, parece que estava o Belga. Aí chamaram todo mundo e não me chamaram: “Seu Juiz não chamou o GPA aqui, baliza tal, qual é a minha baliza?” E ele disse: “GPA tu não está inscrito, se retira da raia!”. Eu digo: “Não, mas eu estou inscrito.” “Não se retira que tu não está inscrito”. “Eu estou”. “Não está”. “Estou”. “Não adianta, não pode, não vai”. E eu tinha treinado feito louco. O Stuckmann se inscreveu e se esqueceu de me inscrever. Ele pensou que tinha me inscrito e eu voltei...

L.D. - Tu queria matar o Moacir.

O.P. - Não, o Stuckmann. Não era o Moacir. O Moacir era remador naquele tempo. O Stuckmann, o alemão que era meu treinador. Eu voltei chorando, mas chegava a pingar as lágrimas, aquilo me marcou muito pela tristeza.

L.D. - Raiva.

O.P.- De raiva, de eu ter me preparado para regata e não poder competir...

L.D. - E o senhor apareceu em recortes de jornais?

O.P. - Tenho diversos da Folha da Tarde⁴¹, mas em casa.

L.D. - Eu vou pesquisar agora...

O.P. - Por isso que eu tenho uma fotografia que é o maior orgulho meu e não foi nada, nenhuma vantagem minha. Que eu tirei uma fotografia junto com Ivan Knoff⁴², que é um remador russo, foi três vezes campeão olímpico seguido e três vezes campeão mundial e ganhou outras regatas lá que... Regatas assim de... E esse remador tinha uma regata, uma remada completamente diferente que qualquer remador convencional. A gente termina a remada aqui no “skiff”, esse terminava aqui no queixo, mas não... O cara tem, se tu ver a fotografia, vou te mostrar, se tu tem a oportunidade, o cara tem os braços fininhos, todo o corpo magrinho, mas tinha umas pernas que pareciam um tronco. Toda a remada dele era nas pernas, não pode ser qualquer um para ganhar três Olimpíadas.

L.D. - E o senhor acha que a imprensa lhe deu status na sociedade? O senhor era reconhecido na rua? As gurias davam bola pro senhor porque o senhor era remador?

O.P. - Olha eu vou te contar uma coisa. Não davam muito não por eu ser remador. Eu achava que era alguma coisa por ser remador, mas ninguém valorizava entendeu. Então, ali naquelas vilas ao redor, até sim porque a gurizada fazia propaganda de mim, até um pouco mais, mas nunca fui grande destaque. Agora eu saía muito no jornal, mais do que qualquer outro remador, mais que destacado que eu e tudo, eu te confesso, por uma afinidade com o Túlio De Rose. Túlio De Rose foi um baita de um repórter do esporte amador.

L.D. - Ele gostava muito do remo.

O.P. - Gostava muito do remo e era apaixonado por mim. Por que ele era apaixonado por mim? Porque a falecida esposa dele - que morreu jovem a esposa dele - era amiga íntima da minha mãe. Nós morávamos numas, mas isso quando eu era guri, [toca o telefone] eu tinha um ano, até os meus três, quatro anos, eu não me lembro dessa fase. E a minha mãe e o meu pai moravam numa casa germinada com a do [palavra inaudível], ou seja, meu pai e minha mãe moravam [palavra inaudível] e a minha mãe se tornou amicíssima da mulher dele, que morreu cedo, que ele era apaixonado por ela [trecho inaudível].

L.D. - Remador.

⁴¹ Jornal publicado em Porto Alegre entre 1936 e 1983

⁴² Nome sujeito a confirmação

O.P. - Que eu era filho da Wanda⁴³ e do Leonardo⁴⁴, que era Priori e ele vivia ali na fábrica de bala, porque ele morava ali do lado da fábrica, que era do meu avô. Ah, o velho, eu era os ‘dendengue’ do velho. Então, por isso essa fotografia com Ivan Knoff, o Túlio quando tinha oportunidade: “Bolinha, vai que eu quero...”, mandava o fotógrafo tirar foto de mim. Então tudo o que acontecia comigo [toca o telefone], os fotógrafos já sabiam. Uma vez eu fui me exibir para as gurias na beira do cais e tava um temporal de vento, onda dessa altura assim [altura da mesa] e eu fui a ré assim com o “skiff” e veio uma onda de lado. E aí tinha um cara lá em cima com a tele-objetiva e tirou uma fotografia. Deu “o remador que não acreditou na força do vento e das águas do Guaíba...”.

L.D. - Das águas.

O.P. - Eu nadando e empurrando o “skiff” e ele tirou a fotografia. Já que eu tinha caído dentro da água. Então da imprensa eu não tenho que me queixar. Então quando eu ganhava, saía uma baita de uma crônica. Uma vez tinha uma folha toda fazendo entrevista de mim, lá e tal. Mas eu era mesmo assim, me destaquei assim como se fosse a renovação do esporte. E aí ele deu esse destaque.

L.D. – Senhor Otávio, eu não achei o senhor... Como é que o senhor disse que era ranzinza.

O.P. – Não, agora é que nós vamos entrar nessa parte. Não, eu sempre fui bronqueiro, da bronca e tudo, mas nesta parte não me destaquei nada, eu era perigoso porque quebrava os barcos. Acontecia. Tu sabes, um fato assim, para botar aí para história, numa dessas voltas, o grande momento, um grande medo que eu tive na minha vida, um fato assim que me chamou a atenção, que eu me lembro como se fosse hoje. Eu fui fazer uma volta na Ilha num dia de cerração, era mais ou menos, botei o barco na água, era antes das cinco horas da manhã. E aí eu fui, porque eu era meio fanático, quando eu fiz a volta ali na ponta da Ilha do Pavão, ali pro lado do cais do porto, ali do centro, fiz a volta, tinha uma luzinha que já era a segunda ponte lá, eu tirava a reta do barco naquela luz, mesmo com cerração aparecia. Eu imaginava que tinha uma luz em cima da segunda ponte - não sei se era para sinalizar para os barcos - que eu pegava como referência. Mas nesse dia, eu vi uma luzinha

⁴³ Nome sujeito a confirmação

⁴⁴ Nome sujeito a confirmação

e tirei como referência e fui remando, remando. E, quando eu vi, eu estava trancado no meio dos aguapés, o barco trancou no aguapé e eu não ia nem pra frente, nem pra trás. E fiquei parado ali e não sabia aonde é que eu estava. Eu virei para trás e vi que aquela luz, era uma luz dos fundos do terreno do Barroso, eu digo: “Eu entrei num saco aqui, eu acho”. Mas eu não tinha certeza se era a ponte e tu vias aquela, eu acho que é do Barroso, eu acho que não é. E daqui a pouco, eu estou assim, mais ou menos, quinze minutos parado ali, inverno, mas eu estava bem agasalhado, cerração e tudo, parado ali, debrucei o troço. Eu não podia dormir, se eu cochilo ali naquele barco, o barco é um casquinha, eu tenho que ficar parado esperando. Vou esperar clarear o dia ver o que eu vou fazer, eu não sei aonde é que eu estou. Daqui a pouco aquele aguapé começou a se levantar, assim gurria, eu digo, está saindo um monstro, daqui a pouco levantou do outro lado. Era as ondas de algum rebocador, de alguma coisa que passou. E o aguapé levantava e eu pensava que era monstro que estava saindo da água. Era as ondas, sabe? Mas tu não enxerga o troço direito, chego a me arrepiar. Gurria, não sei como é que eu não morri do coração ali. Porque eu tinha o coração muito bom, eu ficava naquela ânsia, é monstro que está saindo aqui e tudo, não, aí para aquele troço, aí eu imaginei, é as ondas...

L.D. – Aí a onda ajudou a tu sair dali?

O.P. - Não ajudou. Tive que esperar clarear o dia e aí que eu vi que eu entrei no saco aquele, que hoje é a raia do União ali, aquilo era só aguapé. Eu fui remando e entrei no meio do aguapé, eu estava atrás do terreno do Barroso, hoje eles dragaram ali e é uma raia. Mas não, aquilo daquela vez era um saco que tinha ali, sabe? Eu tinha que aquilo era assim, aqui tem o saco, não tem saída, eu tinha que ir aqui, para segunda ponta aqui, eu entrei no saco e fiquei trancado, entendeu? Eu tentava dar ré e o barco trancava porque escapava o remo por cima do aguapé também. Mas depois de dia eu vi que estava ali do aguapé, vi que não faltava muito para dar ré, aí eu fui forçando, também não foi muito fácil sair dali, mas de dia, fui escorregando por cima do aguapé com o barco e consegui sair.

L.D. – Senhor Otavio, queria de fazer uma última pergunta. Por que o senhor acha que o remo não aparece mais, enfraqueceu tanto a prática do remo?

O.P. - Na minha avaliação é o seguinte: primeiro, as regatas são muito mal organizadas, mas, é nós que somos do esporte, só quem tem a emoção do remo é quem pratica, quem

disputa e é uma coisa muito ruim para as pessoas de ir ver a regata. Hoje tu espera até ele subir o barco, se alinhar lá. Eu estava contando esse dia, às vezes leva vinte e cinco minutos, meia hora entre um páreo e outro, para depois ver os caras passar ali. Por exemplo, se não é familiar do remador que está disputando ali, um familiar muito próximo, se não é um remador, quem é que tem a emoção, se não é os caras que colegas da equipe dele, que também são poucos, então não tem. O remo... Não vejo assim emoção para o público. É difícil ter umas equipes para disputar, antigamente tinha. Bah, aquilo se juntava, toda, até o bairro lá vai. Hoje eu não sei, o esporte, talvez por causa do profissionalismo, não tem esse troço. As regatas também eram uma atrás da outra. Por exemplo, num Campeonato Brasileiro que teve no aniversário do União aí, teve vinte e dois páreos, assim em poucas horas. Que faziam? Eles botaram a raia aqui e tinha um balizamento para subir aqui por fora da raia, então, enquanto uns estavam largando aqui, os outros já estavam alinhando e ia largando. E ia fazendo aquele...

L.D. – Era contínuo?

O.P. – Era um atrás do outro, aí dá uma certa emoção ver a regata, então...

L.D. – O senhor parou de remar quando?

O.P. – Eu acho que em setenta, sessenta e oito, por aí. Mas eu queria te falar uma coisa, o negócio do ranzinza. A gente vai ficando velho, vai ficando mais ranzinza e tudo e eu não tenho mais saco para um monte de coisa. Então eu já peguei fama lá de reclamar de tudo no barco. Tu sabes que no Júpiter, além do remo, nós fizemos alguns jantares, alguma coisa assim de confraternização. Uma vez por ano, nós fazemos nossa... E eu, já nos últimos dois ou três anos, eu ganhei o troféu de mala do ano, eu sou considerado um mala lá, porque me deram um garrafão de vinho, um monte de... Agora eu tenho mala do ano, que já sou páreo de novo para ganhar o mala do ano. Tem o cara mais azedo do ano, que está ganhando o Germano, porque está sempre com a cara carrancuda, parece que chupa um limão antes de ir lá para o barco. Tem o... Eles que devem saber lá, tem um monte de troféu lá, mas o mala do ano eu sou favorito e tudo. Um dia, eu disse: “Ó, vamos lá para o mais encostado da Ilha dos Marinheiros, porque o vento está soprando de lá para cá.” Aí, o burro do Willy que está de nosso timoneiro resolveu ir junto e todo mundo deu força “não,

vamos por aqui, onde tinha mais onda”. Eu digo, “então vocês vão, mas eu não remo”. Eu empaquei, fiquei com o remo parado e deixei eles irem. Fui até o GPA, sem remar e eles: “Não, tem que dar o mala do ano pro Bolinha mesmo”.

L.D. - [risos] Ah, mas isso tudo é na brincadeira então?

O.P. - É, na brincadeira, mas às vezes nós brigamos mesmo, mas é tudo numa boa, depois passa, está tudo bem, não tem nada disso.

L.D. – Seu Otávio, eu queria agradecer o tempo que o senhor me deu...

O.P. - Não, eu que te peço desculpa de eu ter te feito esperar aí...

L.D. - E eu queria dizer que o senhor vai fazer parte de um acervo, junto... Eu entrevistei o Henrique Licht⁴⁵, o Henrique Fusquine, o Luis Rovinski, o Heinz Schultz⁴⁶, o Roberto Schultz...

O.P. - O Henrique Licht já era daquele tempo, naquele tempo que eu remava. Ele pode te dizer dessa regata imperial. Henrique Licht sempre foi um dos cartolas do remo, uma pessoa magnífica, ele estava nessa regata, junto com Dom Pedro e tudo, na chegada. Eu não me lembro dele ter sido remador, eu acho que ele nunca foi remador.

L.D. - Ele chegou a remar, mas remou pouco tempo.

O.P. - É, mas sempre teve na parte política do remo e dando força e como comentarista... Bah, uma pessoa assim, apaixonada pelo remo e o remo por ele. Todos os clubes.

L.D. - Eu queria agradecer então e deixar uma oportunidade, uma porta aberta para o senhor nos visitar, nesse Centro de Memória⁴⁷ ...

O.P. - Se precisar alguma coisa de reportagem daquela época assim, daí é só me ligar...

⁴⁵ Henrique Felipe Bonnet Licht

⁴⁶ Heinz Emil Schultz

L.D.- Posso te ligar então? Porque aí a gente tira fotos, ou escaneio e devolvo todos os materiais.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

⁴⁷ Centro de Memória do Esporte (CEME)